

# **CENTRO DE ESTUDOS ANGLICANOS – CEA**

## **Brevíssima Introdução à Teologia, de David Ford**

Dom Sumio Takatsu

David Ford é professor de teologia da Universidade de Cambridge, na sua formação acadêmica passou pela Universidade de Cambridge, Yale (USA) e Tubinga (Alemanha). Não há indicação de que seja um clérigo. É da ala evangélica da Igreja da Inglaterra. Autor de mais de sete obras e de vários artigos. Entre elas se destacam *The Shape of Living, direções espirituais para vida cotidiana*, escrita a pedido de G.Carey, e *Self and Salvation: Being Transformed*, em diálogo com os teólogos contemporâneos e pensadores pós-modernos.

David Ford escreveu sua *Brevíssima Introdução à Teologia* levando em consideração o fato de que cerca de cinco bilhões da população mundial tomam participam diretamente nas principais religiões e outras tantas estão sob a influência das mesmas ou interessadas nas questões que elas levantam. Há enorme interesse da parte da mídia, compreensivelmente, devido aos aspectos negativos como conflito, fanatismo e violência que envolvem as religiões em várias partes do mundo.

Isso é apenas uma ponta de um iceberg. Por que a religião é tão polêmica e tão importante para tanta gente, a ponto de elas lutarem, sofrerem e fazerem sacrifícios enormes quando percebem que sua religião está em jogo? A resposta está em que a religião diz respeito a toda uma estrutura da vida. Obviamente, ele tem mais ou menos funções na vida de muitas comunidades e indivíduos, mas tipicamente uma religião diz respeito à estruturação de muitos níveis da vida. As principais religiões têm tido influência nas civilizações no decorrer da história e têm existido em diferentes sistemas culturais, econômicos e políticos. Para as pessoas, ter parte na religião influi no modo como elas interpretam a realidade, no que crêem, no que pensam e sentem e no seu comportamento, na escolha do seu parceiro (a) para o casamento, enfim, em todas espécies de coisas importantes para a sua identidade.

Com essa suposição não deve nos surpreender o fato de que as religiões sejam tão polêmicas. Um cenário avulso importante de crime violento é a família onde se focalizam as paixões mais profundas, relações mais íntimas e compromissos mais profundos. A religião tem muitas semelhanças com os modos com que a vida familiar agarra as pessoas e torna-se fundamental para a identidade e para o comportamento - para o

pior ou para melhor. "A corrupção do melhor é pior" - é essas coisas que significam muito podem terrivelmente se corromper. As religiões não teriam essa capacidade destruidora se não tocassem as nossas profundamente.

Como família, também, muito dos efeitos da religião pode ser tão profundos e abrangentes que, dificilmente, tornam-se conscientes. Assim mesmo os que pensam ter deixado sua família e sua fé continuam sendo influenciados pelas mesmas, e, em geral, carecem de alguma coisa como outra família e outra fé para terem uma vida satisfatória. Para os que se encontram em crise ou em transição em sua fé, a teologia no sentido mais amplo será inevitável, na medida que lutam com grandes questões.

Aqueles que se encontram mais familiarizados com sua fé particular terão, também, suas grandes questões. As religiões neste mundo têm milhões de praticantes, que tentam viver a fé e suas implicações. Surgem a toda hora questões para as quais não se têm respostas já feitas ou que têm uma amplitude de respostas possíveis. Como Deus (Alá), qualquer que seja o nome comparável, (que determinada fé adota) se envolve no mundo de hoje, e em nossas vidas? Que devemos ensinar aos nossos filhos? É errada a eutanásia em qualquer circunstância? Que padrões de moral devem ser observados na família, na escola, no local de trabalho? Que significa a ciência moderna para a nossa fé? Há alguma explicação do mal? Como entendemos a morte? Qual é a minha vocação na vida? Como interpretamos as Escrituras? Quais autoridades nós devemos seguir e até que ponto? Como deve ser a minha atitude para com o dinheiro? Que espécie de prioridade deve haver na adoração e oração? Como pode ser testada e aprofundada a minha crença? Assim, seja qual for a situação pessoal de um indivíduo com relação à comunidade de fé e suas instituições, provavelmente, surgem as questões teológicas.

É intenção de David Ford destinar a sua obra a quem deseja ser apresentado a algumas formas como essas questões foram levantadas e respondidas no decorrer dos séculos, principalmente, em nosso tempo.

Se não somos os primeiros a ir ao encalço dessas questões, há sentido em tentar a aprender dos que se preocuparam com elas antes de nós.

Assim que entramos no terreno da teologia, descobrimos uma comunidade fascinante de homens e mulheres através dos séculos e deste mundo que lutaram os nossos problemas ou que sugeriram novas questões e respostas nunca antes imaginadas por nós

Quando os estudantes se engajam com grandes pensadores de outros tempos e de nosso período, é comum surgirem perguntas como esta: "estão falando direto para nós?" Mas é comum ouvir, também, "há sentido nisto? Como alguém pode ter pensado desta forma?" O autor espera que, chegando ao fim da leitura, tenham não só essas reações semelhantes mas também aprendam ir para além das mesmas. Duas reações extremas ("isso é verdade" ou "isso não pode ser verdade") são verdadeiros convites para

fazer teologia. Isso significa que os convites são encorajamentos para ir mais longe em nosso pensamento, recorrendo a todos recursos à nossa disposição. Muitas pessoas profundamente interessadas em questões teológicas vivem sua vida ignorando os recursos que podem ajudá-las a pensar com mais conhecimento, profundidade e relevância.

Algumas introduções começam com as questões sobre se é possível fazer teologia ou com os métodos de indagação discutindo que espécie de raciocínio e o saber estão envolvidos no labor teológico ou que perícia se requer. São questões importantes, mas o autor vai chegar a isso no fim. Antes disso o autor deseja fazer duas coisas.

(1) A descrição breve do modo como ele vê o panorama religioso e acadêmico nos dias de hoje (no resto da introdução) e a disciplina da teologia e dos estudos religiosos dentro desse panorama, (Cap. 2).

(2) Apresentação de exemplos de pensamentos teológicos sobre questões chaves selecionadas, (Caps. 3 a 7).

Só depois disso passa-se à análise mais estreita do que foi assimilado nesses pensamentos - o uso dos textos, Escritura e tradição, a natureza da pesquisa histórica, abordagem da experiência, entendimento e conhecimento e a importância dominante e abarcante da busca da sabedoria, (Caps. 8 a 9). Na conclusão, (cap. 10), há um prospecto profético da teologia para o terceiro milênio.

Ainda a respeito da introdução o autor se preocupou muito sobre se deve concentrar-se na teologia de uma tradição principal ou tentar introduzir mais do que uma teologia. Várias considerações levaram-no à opção por focalizar as discussões através da teologia cristã e não através das teologias de outras religiões. As religiões são tão complexas quanto às línguas e suas culturas e, também, são diversificadas e pouca gente espera que uma introdução brevíssima trate de todas as religiões simultaneamente. Por isso é um bom princípio ter alfabetização numa língua e não correr o risco de se ter ligeiras noções de várias línguas como acontece entre os turistas. Além disso, há nesta série, introduções ao judaísmo, ao budismo e ao islamismo. Embora não seja introdução ao cristianismo, este livro complementa como outros pensam a respeito de sua fé. (2) Ao tentar a dar sentido ao que se pensa teologicamente, esta obra representa um auxílio para formar um quadro comum de referência, ao invés de ter que começar tudo desde o início, toda vez que um novo tópico é introduzido. Isso nos permite ir mais profundamente e fazer mais conexões entre os capítulos. E, quando chegarmos às reflexões dos capítulos 8 a 9, isso nos eximiria de tarefa impassivelmente complexa com relação às diferenças, escrituras, tradições e estruturas intelectuais.

## **Teologia hoje em meios aos múltiplos irresistíveis**

Como foi dito acima, as questões teológicas podem tomar conta de qualquer pessoa independente de sua identificação com uma tradição religiosa. Essa descrição pode ser válida, obviamente ajustada, para muitos diferentes séculos e situações. As religiões têm provocado conflitos e questionamentos e as pessoas foram levadas a enfrentar os problemas de serem parte deles ou de serem dissidentes. Passa-se, gora, a indagar sobre a característica do período atual como contexto da teologia.

## **Pré-modernidade, Modernidade e Pós-Modernidade**

O nosso tempo tem uma marca obviamente distinta: velocidade, extensão e natureza multifacetada das transformações ora em processo.

É difícil de datar a modernidade. Ela começa com renascença européia? Com Galileu? Com a Reforma? Com Newton? Com a colonização das Américas? Com o surgimento do capitalismo? Com o estado-nação com seus exércitos e burocracias? Iluminismo? Revolução Francesa e Americana, democracia? Revolução industrial?

Esses eventos sugerem aspectos diferentes de uma série de mudanças em conjunto sem precedentes na história mundial e significam transformação tão maciça que, na religião como em outras áreas, é adequado falar, sob a perspectiva do século XX, em "antes", "durante" como eras. Os aspectos são culturais científicos, religiosos, imperiais, econômicos, políticos, sociais e intelectuais.

A interação desses aspectos e seus desdobramentos estabeleceram uma dinâmica de mudança e inovação constantes, que se tornam feições da modernidade. A partir de inícios largamente europeus esta dinâmica tornou-se global como observado no escopo das guerras, armas, capitalismo do mercado e suas incorporações internacionais, comunicações, mídia da massa, distribuição de informação e problemas colaterais como poluição, drogas e epidemias.

Este período tem sido irresistível em seus efeitos. Nenhum dos aspectos da vida tem sido capaz de sustentar continuidade e isso tem causado problemas maciços de identidade para as pessoas, grupos e nações como um todo, regiões e religiões. Mesmo quando se tem feito intensa dedicação para manter a continuidade, o esforço defensivo e o contexto modificado significam que o que se tem preservado realmente é, de fato, jamais o mesmo como antes.

Qual é a situação da academia em tudo isso? No século passado houve multiplicação imensa de instituições educacionais em todos os níveis, à medida que a educação de massa se disseminava pelo mundo. Ao mesmo tempo, houve explosão de conhecimento sem precedência. Expandiram-se todas as disciplinas acadêmicas tradicionais. Foram criadas novas disciplinas e subdisciplinas. A isto foram acrescentados novos métodos de informação,

comunicação, acumulação, estocagem e recuperação que tornam acessíveis quantidades cada vez maiores de informação vindas de todas as partes do mundo e do passado e o resultado disso representa um outro quadro irresistível.

Que se diz sobre as religiões nessa situação? Visto que as religiões tocam todos os aspectos da vida, elas têm sido profunda e complexamente influenciadas pelas transformações. Uma vez que todas as religiões principais têm suas raízes na pré-modernidade e precisam ser capazes de sustentar continuidade significativa com o passado, as mudanças constantes e o desarraigamento da modernidade têm-nas atingidas duramente. Elas têm reagido diferentemente, desde o extremo de modificar o passado, para "acompanhar os tempos" até outro extremo de resistir todas as mudanças e preservar tudo como costumava ser.

Há ainda uma outra feição crucial das religiões nessa situação de múltiplos irresistíveis. A maioria delas está empenhada em ser profundamente influenciada por Deus, pelas revelações e imperativos que nos convidam para transformação radical, pela adoração, oração, meditação, e pelo serviço e outras atividades que chamam à cena tudo que temos e tudo que somos. Elas têm séculos de experiência pré-moderna para enfrentar o irresistível de múltiplos modos. Há outros irresistíveis, também, que têm sido sempre parte da condição humana tais como enfermidades, fome, guerra, maldade, paixões sexuais, amor do dinheiro, fama e poder. Há também irresistíveis positivo como a busca da beleza, da verdade e do bem.

Cada religião tem desenvolvido sua sabedoria para estruturar a vida, em meio aos irresistíveis bons e maus. Nos tempos pré-modernos cada uma das religiões passou por crises e transformações de grande importância, em cujo curso todas elas precisaram, entre outras coisas, engajar-se em pensamento intenso e debates rigorosos.

Uma questão crucial é colocada diante delas: se o seu pensamento e sua compreensão bem como outros recursos seus podem enfrentar mudanças sem paralelo em cada frente. Cada uma delas têm milhões de crentes bem instruídos que participam das "sociedades eruditas" ricas em informação, que se defrontam com desafios e alternativas diários para a sua fé, que vêm da mídia e alhures. Qual é a qualidade de suas reações?

É aqui que entra a teologia definida de modo lato acima. A teologia considera suas questões enquanto se mergulha nas mudanças, abebera-se da sabedoria de uma ou mais tradições religiosas. Para os crentes e para outros que são dominados por essas questões importantes é, com frequência uma coisa diária de se maravilhar, duvidar, confiar, pesar as opções, discutir, ler, ouvir, meditar, discernir e decidir. Todas as espécies de influências chegam a germinar, a partir de adoração, educação, desde a pregação até novelas, experiência de trabalho e sofrimento. Quem pode dizer o que é decisivo para se chegar ao julgamento, decisão e orientação básica? Há, também, grupos, comunidades, conferências, concílios, sínodos

que fazem debates mais socialmente e até oficialmente. Uma vasta maioria dessa atividade em âmbito mundial sobre os pensamentos, lares, e agrupamentos maiores é despercebida pela grande maioria de gente que nela não se envolve diretamente. No entanto, a qualidade de atividade é crucial para como a pessoa vive e como as comunidades e tradições inteiras são estruturas, em meio às complexidades da modernidade.

O autor tem falado até aqui na teologia no sentido lato de pensar sobre as questões levantadas pelas religiões e sobre as mesmas. Mas também mencionou outra cena de múltiplos irresistíveis: academia - pela qual ele quer dizer instituições educacionais, especialmente, de terceiro grau (universidades). Agora passa ele a fazer três observações que relacionam esta discussão introdutória com as considerações mais substanciais da teologia acadêmica a serem tratadas no capítulo 2.

Primeiro, a teologia na academia está localizada na confluência com o que se tem descrito acima como irresistíveis. As religiões estão sendo fundamentalmente sobrepujadas e, também, passando por transformações maciças. A academia está profundamente envolvida na modernidade tanto na estruturação desta quanto nos seus estudos e ela própria está passando pelas mudanças importantes. A multiplicação de disciplinas e a explosão de conhecimentos fazem impacto forte especialmente sobre a matéria que se abebera de muitas disciplinas. É difícil encontrar uma disciplina que não se relacione de alguma forma com a teologia e religiões. Os problemas que isso coloca será discutida no próximo capítulo.

Segundo, a teologia em alguns contextos acadêmicos encontra-se numa situação particularmente sensível. Refere-se àquelas instituições que não são dirigidas pelas Igrejas ou por outras comunidades religiosas, mas que ministram a teologia. Isso tem certo risco. Pode acontecer que, de um lado, as comunidades religiosas não têm controle sobre a teologia nem dela pode ter suspeita, ou, de outro lado, que outras disciplinas acadêmicas desejem eliminar qualquer coisa que se difira delas, subordinando, por exemplo, os estudos do Novo Testamento à literatura clássica, a teologia à filosofia ou à história das idéias. Mas isso teria boas possibilidades - de relacionar a teologia mais ricamente com outras disciplinas, fazer mediação entre as mesmas e com as comunidades religiosas assegurando que as questões do significado religioso, da verdade, prática e beleza recebam significação acadêmica que lhes são devidos, à luz da importância extraordinária das religiões na história e no mundo contemporâneo, bem ou mal. Finalmente, há ainda questão que exige que se avance mais na discussão sobre a modernidade iniciada acima e merece uma seção breve de conclusão a este capítulo.

## **Teologia e pós-modernidade**

Por algum tempo estava no ar essa questão de que a nossa situação hoje não é tão moderna, e sim "pós-moderna". Nisso está dito muita coisa.

A interpretação do autor sobre a matéria consiste em que ela se refere, acima de tudo, aos eventos traumáticos e evoluções no século XX, que diminuíram a confiança na modernidade. Guerras mundiais, ideologias e terrores fascistas e comunistas, holocausto, genocídio, o uso de armas nucleares, efeitos destrutivos, poluidores e injustos da ciência e indústria modernas, trivialização da vida na cultura moderna, sexismo, racismo das sociedades moderníssimas - esses fatores têm retirado muito do complexo de superioridade que a modernidade tem demonstrado em relação aos períodos anteriores e a outras culturas "sobreviventes". Em outras palavras, as transformações maciças elencadas anteriormente não são necessariamente progresso.

A filosofia, a teologia e outras áreas do saber contribuíram, também para formar um tom de suspeita radical dirigida a qualquer forma de fazer sentido total da vida. As suspeitas focalizam especialmente "integradores-chaves" da existência humana. Por exemplo, a forma como respondemos à questão do sentido da vida a partir de algum drama todo-abarcante como uma abóbada. Isso pode ser a história da família, da nação, do envolvimento de Deus com o mundo do progresso humano, do movimento revolucionário, ou mesmo da novela de TV. Os pensadores pós-modernos suspeitam de tais formas de integrar experiências e tentam mostrar que há muitas formas alternativas como as histórias podem ser contadas. Acima de tudo, eles têm subvertido a própria idéia de "meta-narrativa" oní-abrangente. A meta-narrativa é um termo empregado para aquelas maneiras de integrar a realidade por meio de um enredo. Exemplos incluem o enredo marxista do desenvolvimento capitalista seguido da revolução que conduz a uma sociedade sem classes, ou o "mito do progresso humano", para o qual a história é uma história de aperfeiçoamento contínuo, ou a meta-narrativa cristã tradicional da criação passando pela vida, morte e ressurreição de Cristo até consumação final. Os pensadores pós-modernos desconfiam que as meta-narrativas sejam expedientes principais pelos quais os poderosos impõem visões da realidade que servem seus próprios interesses. Ao invés disso, a pós-modernidade destaca a natureza fragmentária e até absurda da experiência e história.

Outro exemplo de um integrador sob ataque é a idéia da pessoa humana. Esta pode ser vista como um feixe de condicionamentos, impulsos, atrações que, sob condições modernas, é fragmentada ou até despedaçada. Não há centro da identidade de uma pessoa. Muitas pressões nos sobrepujam externamente e, também, por dentro de nós mesmos, (especialmente, inconscientes ou subconscientes). Em meio a tudo isso, nós estamos continuamente tentando inventar e reinventar quem somos de formas razoavelmente arbitrários.

Um terceiro exemplo é a perda de confiança na razão ou na racionalidade. A razão é considerada como exercício de dominação. A idéia de que "conhecimento é poder" é usada para manipular as pessoas. Por isso, há uma profunda suspeita do argumento racional porque são considerados instrumentos de coerção por parte dos grupos hegemônicos, que os

empregam para seus próprios fins. Estes tentam controlar a educação, as direções da pesquisa, comunicações, a definição do instruído e da autoridade e o que é considerado concebível e verdadeiro. Os pensadores pós-modernos prestam atenção intensiva especialmente à linguagem: realmente se refere à realidade ou é uma retórica a serviço do poder e do controle? É impossível o raciocínio sem alguma confiança na capacidade da linguagem de identificar a realidade e criar o mundo do significado compartilhado digno de respeito.

Quais são as conseqüências de tal suspeita pós-moderna para a teologia? Devido ao fato de que, no geral, a teologia tem desejado ter uma estória abrangente, para encontrar alguma espécie de integração e continuidade na pessoa humana (alma) e usar argumentos racionais, essa é com freqüência alvo principal dos pensadores pós-modernos. A pós-modernidade extremada elimina a teologia. O pensamento pós-moderno presta, no entanto, serviço em relação à idéia da teologia que é apresentada no livro de Ford.

Admitindo que não se sustenta a extrema suspeita da narrativa, do ego, do argumento racional (ver os caps.8-9), assim mesmo essa tem sido saudavelmente eficaz para colocar a modernidade sob melhor perspectiva. E tem-se feito isso por meio de sua sensibilidade para com os aspectos negativos da modernidade e a exposição das possibilidades opressivas dos tipos de racionalidade que, confiante ou arrogante, domina grandes áreas da vida moderna. Jamais pode ser considerado natural dispensar o pré-moderno como antiquado ou irrelevante ou supor que o temos ultrapassado. Ao invés de aprisionar-se no complexo de superioridade podemos ficar livres para nos envolvermos em diálogo com os recursos do pré-modernos com algum respeito e mesmo com uma expectativa de que esses recursos possam nos ensinar. O modo teológico de expressar isso está em que a pós-modernidade tem sido eficaz em expor "idolatrias" dos séculos recentes com suas conseqüências horrendas. As críticas pós-modernas têm demonstrado tendência extremada e sua suspeita tende a ser niilista, mas o seu benefício tem sido no sentido de que o complexo de superioridade da modernidade é muito difícil de ser sustentado. E assim, a religião que tem suas raízes no pré-moderno pode ser imaginada mais plausivelmente como tendo o poder de estampar a vida e pensamento de hoje.

Feição final relevante de pós-modernidade é sua mistura da cultura popular com a clássica ou erudita. Na arquitetura, novelas, poesia, música, filme e em outras mídias encontramos aquilo que se denomina comumente de "cultura clássica" acessível de novas maneiras e isso é muito importante para a teologia porque ela deve manter-se em contato com as realidades do que a vida é para milhões de pessoas religiosa e outros que tentam responder questões teológicas. Então, deve-se cruzar continuamente as fronteiras entre a teoria e a prática, métodos sofisticados com capacidade e entendimento ordinários, termos e significado de senso comum. Os teólogos considerados "grandes" têm associado à sofisticação intelectual a capacidade de relacionar o seu pensamento com a vida comum. Há aspectos do



pensamento pós-moderno que dão a impressão de estarem perdido intrincados jogos lingüísticos. Porém, há outros aspectos que cruzam ousadamente as fronteiras a fim de reunir os níveis de cultura que, com freqüência, se alienam uns dos outros e esses têm muita coisa a ensinar qualquer teologia que se vê como tendo responsabilidade para com as comunidades e vida pública bem como com as disciplinas acadêmicas.

O capítulo seguinte examina mais estreitamente a teologia no contexto acadêmico.

### **Teologia e Estudos Religiosos: Como está estruturado o seu campo?**

O último capítulo definiu a teologia no sentido lato do termo como sendo "pensamento sobre as questões levantadas pelas religiões e sobre elas mesmas". E o mundo em que se faz a teologia foi descrito como sendo de múltiplos irresistíveis, onde as religiões são agentes formadoras dentro desse mundo. Também, fez-se referência ao irresistível na área educacional e da pesquisa onde se localiza a teologia acadêmica. Também, foi dito que o fenômeno considerado pós-moderno é benéfico para a teologia. Agora pergunta-se: Como se pode desenvolver a teologia no senso lato para se adequar à teologia acadêmica?

A sugestão consiste em que a teologia trata das questões do significado, da verdade, do elo e da prática levantadas em relação às religiões e examinadas e alcançadas por meio de uma ampla gama de disciplinas acadêmicas. Essa definição é ainda muito ampla, porque ela tem a intenção de abarcar a teologia em diferentes tipos de instituição.

A questão de diferentes ambientes em que se faz a teologia é importante, controversa e requer que seja enfrentada agora.

### **Para além da Teologia Confessional e dos Estudos Religiosos Neutros**

Se você vai fazer um curso de teologia é certo que vá estar num dos três tipos de instituição educacional abaixo descritas. Há todas as espécies de misturas e gradações. Para fins de simplificação, o autor descreve três abordagens da matéria:

Pode-se ir a uma instituição que tem compromissos com uma determinada Igreja ou tradição religiosa. É provável que a teologia ali estudada seja "confessional" no sentido de que se compromete com a instituição mantenedora.

Pode-se ir a um departamento de estudos religiosos numa universidade. Ali várias religiões podem ser estudadas através de várias disciplinas acadêmicas. A teologia figuraria como parte da história e fenomenologia da vida em diferentes religiões. O foco principal seria o

significado, análise e inter-relação do pensamento e da prática religiosos, inclusive o modo como relacionados com o seu contexto. O que, no geral, não se encoraja é pressionar as questões sobre a verdade de uma teologia, ou tentar desenvolver a construção de uma teologia.

Você pode seguir um curso em "teologia e estudos religiosos". É possível que você tenha a oportunidade de estudar várias tradições religiosas através de diversas disciplinas e ir atrás das questões da verdade, do belo, e prática de modo construtivo bem como descritivo e também crítico. Muito desses cursos encontram-se nas universidades.

Na Europa, na América do Norte e em outros lugares, os melhores exemplos de prática se encontram nas universidades ou nas faculdades. A vantagem parece estar com os que desejam combinar a teologia com os estudos religiosos ou recusar a cisão simples do campo em dois compartimentos. O que parece estar acontecendo é que, nos melhores centros de estudos religiosos, não se pretende que um estudioso permaneça neutro em lugar algum. Esses centros percebem, também, que é arbitrário traçar uma linha que diz, nos estudos acadêmicos da religião: "você não pode ir atrás das questões da verdade, do belo e da prática para além de certo ponto".

Uma vez admitido isso, então, os estudos religiosos devem permitir escopo para a fé inteligente que leve a teologias construtivas e práticas. É como alguma coisa que acontece num departamento de economia que não é apenas sobre história econômica, econometrias e várias maneiras de descrever, analisar, teorizar sobre a economia, mas também se preocupa com a contribuição para encontrar os caminhos para estruturar a economia para hoje e para o futuro. Essa contribuição pode envolver teorias construtivas, a visão do que preferível, e das administrações sociais e políticas e a visão do mundo.

Nos melhores centros de teologia, o movimento complementar pode ser observado numa outra direção. Ali se reconhece que, se Deus se relaciona realmente com o todo da realidade, então é necessário que a teologia se engaje não só com o que está sob as rubricas dos estudos religiosos, mas também com muitas outras disciplinas - tais como economia, medicina, ciências naturais e jurídicas. As grandes questões do belo, da verdade e da prática na teologia requerem ser informadas tão profundamente quanto possíveis por uma série de disciplinas acadêmicas.

Tudo isso resulta em avanço para além de uma simples alternativa entre a teologia "confessional" e estudos religiosos "neutros". Porém isso não significa que o campo de estudo seja homogeneizado. Antes, isto significa que diferentes instituições sejam distinguidas de outras maneiras que por simples dualismo. A pergunta chave que se segue seria: o que agora os distingue?

**Teologia e Estudos da Religião: propósitos e responsabilidades.**

A distinção óbvia entre diferentes instituições está no que se refere aos propósitos principais. Se alguém for a um seminário ou outra instituição relacionada com uma Igreja, a expectativa principal é a educação e o treinamento para tomar parte na Igreja e na sociedade em função clerical ou leiga.

O propósito principal de um departamento de uma universidade é o engajamento acadêmico com uma variedade de religiões. Ford argumenta também que a teologia e estudos religiosos devem caminhar juntos. Como poderiam então, ser descritas as similaridades e diferenças? A sugestão o autor é a de "ecologia de responsabilidade" que ambas podem compartilhar, mas que seja diferentemente balanceada em cada caso. Há três orientações básicas de responsabilidade:

Uma está dirigida para a direção da comunidade acadêmica de âmbito mundial e suas disciplinas. O alvo desta responsabilidade é fazer justiça para as questões de significado e verdade e, também, para se engajar com as questões e compromisso, normas e valores. Isto envolve o estudo dos textos, história, leis, traições, práticas, instituições, idéias, artes, etc., à medida que esses fatores se relacionam com a religião no passado e no presente. Simultaneamente vai com essa responsabilidade o dever educacional - boa educação tanto quanto possível.

A segunda responsabilidade é para com as Igrejas e outras comunidades de fé. Esta não se separa do desempenho da primeira - as Igrejas e outras comunidades religiosas carece de estudos de alto nível e debates de questões relevantes para elas e precisam, também, de membros bem instruídos e teologicamente alfabetizados. As religiões são comunidades de estudo que se beneficiam da interação com outras comunidades do saber necessitam, por outro lado, de cultivo de suas instituições educacionais.. Tem havido conseqüências desastrosas quando as comunidades religiosas tomam atitudes negativas para com os estudos, erudição e fé inteligente ou quando fracassam em enfrentar inteligentemente questões principais, descobertas ou desenvolvimento. Também, tem havido realizações extraordinárias quando a fé inteligente, erudição profunda e sabedoria imaginativa se juntam.

A terceira responsabilidade seja, talvez, mais fácil para a academia e para a comunidade de fé ignorar. É a responsabilidade para com a sociedade como um todo. As preocupações religiosas e teológicas são essenciais a muitos debates sobre a política, leis, economias, mídia, educação, medicina e vida familiar. Mas onde está sendo dada a atenção geologicamente bem informada para essas questões? É improvável que se faça plena justiça a tal complexidade, a não ser que haja colaboração de um lado a outro entre as disciplinas acadêmicas, comunidades de fé e nações. Esta seja, talvez, a maior carência no cenário teológico no âmbito mundial hoje.

Se isto for “ecologia de responsabilidade”, que abarca academia, comunidades de fé e sociedades, diferentes instituições têm claramente diferentes ênfases dentro disso. Todas as instituições devem reconhecer idealmente todas essas três responsabilidades, mas o seu equilíbrio pode variar muito. Conseguir o equilíbrio correto num lugar particular é uma questão para debate completo, no qual o pensamento teológico tem uma função essencial. Isso é um fato que se observa na melhor prática, em várias partes do mundo. Todavia, o ponto geral principal é claro: é mais satisfatório diferenciar várias estruturas da matéria apontando para as responsabilidades principais do que criar um dualismo entre a teologia e estudos religiosos.

No restante do livro, David Ford adotará o ponto de vista de que a teologia floresce melhor quando pode aprender de várias disciplinas, comunidades de fé, debates sobre matérias de importância pública e fazer contribuições às mesmas. Porém está na hora de voltar a nossa atenção das instituições para a estruturação intelectual do campo.

## **Tipos de Teologia Cristã**

Observando a teologia cristã em diferentes contextos o quadro é obviamente muito variado. Antes de dar um mergulho em alguns tópicos específicos, Ford convida o leitor a acompanhar o mapeamento do campo para facilitar o encontro do nosso caminho em torno do assunto. Com isso espera-se oferecer um modo de pensar teológico que facilitará entender a variedade melhor do que os rótulos usuais que mídia e outros costumam usar.

Os rótulos teológicos mais comuns são emprestados da política: conservadora, liberal e radical. A vantagem desses termos está em que eles indicam a questão chave na teologia cristã: como o passado está relacionado com o presente e futuro. Se a sua teologia é “conservadora” significa que, no geral, você deseja preservar alguma versão do passado e resistir às mudanças do presente. “Liberal” significa que você está mais aberto à mudança, face às exigências contemporâneas - o apelo teológico é para a liberdade de Deus e a liberdade que Ele concede. “Radical” significa que você está aberto para as mudanças apelando, muitas vezes, às raízes do Cristianismo em Jesus e na Igreja Primitiva.

Um dos problemas desses rótulos está em que eles tendem colocar em um pacote teologias que são realmente diferentes. Carecemos de um modo de identificar os tipos de teologia que são produzidos quando os teólogos tratam a relação do passado com o presente muito diferentemente. Quando um teólogo norte-americano, Hans Frei, tentava escrever a respeito de como Jesus Cristo recebeu tratamento no pensamento teológico britânico e alemão no século XVIII ele ficava constantemente frustrado pela inadequação das descrições das teologias desse período. As descrições eram tão cruas e falhavam em captar as diferenças mais importantes. Assim Frei decidiu

tentar fazer algo melhor e veio com o que Ford considera ser o modo mais prestimoso de classificar tipos de teologia (*Types of Christian Theology*). Ele próprio estava preocupado em sobrepujar a cisão entre a teologia e estudos religiosos e o seu mapeamento de tipos se encaixa muito bem nas conclusões sobre a estruturação institucional que este capítulo já propôs.

### **Cinco tipos, dois extremos**

A tipologia básica de Frei é de cinco tipos de teologia. Imaginem uma linha horizontal com dois extremos e três no meio. As duas pontas representam modos opostos com que o cristianismo se relaciona com a modernidade e pós-modernidade.

Num extremo, o tipo 1 dá completa prioridade a alguma filosofia, ideologia ou agenda prática. Suponhamos, por exemplo, que você é um ateu e materialista. Você acredita que a matéria é a realidade última e única, em cujos termos tudo pode ser entendido e o universo material é um “fato bruto”, que dispensa uma outra explicação. Você terá uma extrema suspeita da teologia cristã. Você está confiante que a sua visão do mundo é mais confiável, e em qualquer debate teológico, você faz avaliação do mesmo, de acordo seus princípios. Será capaz de recorrer a muitas explicações da religião e do cristianismo - em termos de história, genética, psicologia, economia, sociologia, filosofia, etc. Todas essas disciplinas podem ser entendidas de modo não-materialista, mas você está persuadido por uma interpretação materialista. Assim, as afirmações teológicas são avaliadas por um prisma: se elas se encaixam no seu quadro de pensamento, mas a maioria delas não se encaixa.

Ou suponhamos que o seu compromisso é com a estrutura de alguma espécie de ética de respeito à pessoa, ao meio ambiente, com a perspectiva feminista ou com a preocupação de maximizar a felicidade humana. Você está convencido dessa estruturação com outros fundamentos e isso dita seu juízo quando se engajar com a teologia cristã. Diferente do materialista ateu, você pode descobrir ser aceitável muito do que você julga. Na verdade, cada uma das abordagens acima referidas tem suas versões cristãs. Porém você não está engajado no debate teológico, você já construiu sua mente e aceita apenas aqueles pedaços do cristianismo que se encaixam no seu quadro de pensamento. Ou suponhamos que você não está convencido de que qualquer abordagem da verdade ou da ética é sustentável como acima descrito. Para você, a visão do mundo é principalmente sobre o entendimento com a mente ou a ação com vontade. É sobre a concepção das possibilidades com a imaginação que você está interessado. Você não exige a verdade objetiva como materialista ou princípios éticos claros para a conduta. Ao invés disso, você joga com as possibilidades e procura alguma coisa que lhe dê sentido como um padrão de verdade agradável. Não é possível propiciar critério para suas opções - vida é como empreendimento artístico sem padrão externo e você está sempre experimentando com as opções e formas de viver. O cristianismo

pode ser uma fonte de possibilidades imaginativas, mas essas possibilidades têm de agradar seu juízo artístico.

O tipo 1 é extremado porque trata da teologia cristã externamente, dela se aproxima com uma mente ou vontade ou imaginação já feitos e simplesmente a usa dentro de seu próprio quadro onde se encaixa. No entanto, representa uma atitude muito comum para com a teologia cristã em nossa cultura. Assumir isso é inaceitável, não é verdadeiro, é imoral, restringe a imaginação, e aprova quando se encaixa no quadro de pensamento dele ou dela, mas sem ter um diálogo sério com a teologia, ou sem permitir qualquer influência prática. Com freqüência esse tipo de pensamento sobre a religião ignora o que há de melhor na teologia e trabalha com caricaturas do Cristianismo, mas mesmo quando informado demonstra, freqüentemente, o que o capítulo anterior chamou de "complexo de superioridade" da modernidade.

Um outro extremo, o tipo 5, é a tentativa de repetir o mundo das Escrituras, a teologia "clássica" ou versão clássica do Cristianismo e ver toda a realidade nesses termos. Aqui há uma rejeição drástica da estrutura e visão da contemporaneidade. O tipo 1 corta o diálogo, porque está convencido da superioridade de sua estrutura externa. O tipo 5 corta o diálogo, porque está convencido de que alguma estrutura cristã interna é suficiente. Suponhamos que você é um cristão que crê que a Bíblia é a Palavra de Deus clara, inerrante e inspirada para todos os tempos e lugares e que você e sua Igreja entendem seu sentido corretamente. Então, a coisa principal é crer obviamente e continuar vivendo isso: outras pesquisas provavelmente se conduzem à dúvida, confusão, distração para viver a Palavra. Talvez você seja rotulado de "fundamentalista" pelos que discordam de você, mas você percebe que eles têm "diferentes fundamentais" dos seus e você se sente feliz permanecendo nos seus, (vale a pena observar que a maioria dos fundamentalistas de hoje não se enquadram completamente nesse quadro – pois estão preocupados com freqüência em argumentar em favor do "criacionismo" com bases científicas).

Há, hoje, versões mais sofisticadas do tipo 5. O mais comum está ligado (de alguma forma dúbia) com a idéia do "jogos de linguagem" do filósofo Ludwig Wittgenstein. Essa idéia sugere que estamos envolvidos num complexo de "linguagens" pelo qual a nossa compreensão, conduta e imaginação adquirem estruturas. O cristianismo é um desses jogos de linguagem e tem sua própria integridade e não se deve julgá-lo pelas rubricas de outros jogos como não se aplicam ao tênis as regras de xadrez. Por isso, o cristianismo não pode ser adequadamente entendido ou explicado em termos de outros jogos de linguagem tais como o materialismo ateu, o islamismo ou feminismo secular. A tarefa da teologia é esclarecer que espécie de "jogo" é o cristianismo e tirar as conclusões para viver dentro desse jogo. Não há sentido para justificar a fé cristã em termos estranhos, isso seria mudar de jogo

Pode-se observar que os dois extremos do tipo 1 e 5 tendem a ver tudo convergindo para uma suposta moldura (cristã ou não) e excluir as possibilidades de diálogo através das fronteiras. Se você for um adepto inteiramente dedicado a um desses tipos, você achará pouco convincente na maior parte do que acontece na teologia acadêmica. Mas se você estiver interessado no que muitos de seus companheiros humanos acham importantes, então, você continuará lendo ainda mais. Os que não são convencidos pelo tipo 1 e 5 terão de levá-los a sério, não só porque milhões de pessoas estão polarizados, de fato, nos extremos, mas também eles são fontes constantes de questionamento inteligente para outras opções.

### **Três tipos no coração da teologia acadêmica**

Entre dois extremos há tipos de teologia que representa o que se pode chamar de corrente principal na teologia acadêmica.

O tipo 2 leva a sério a estrutura externa, mas deseja também, engajar-se no que é distinto na teologia cristã. Entre as filosofias e visões externas do mundo, algumas são mais adequadas à fé cristã do que outras. Por que não escolher uma dessas e aplicá-la para entender o cristianismo e mostrar como a fé tem sentido e tem relevância hoje?

Um dos mais influentes teólogos e eruditos bíblicos do século XX, Rudolf Bultmann (1884-1976), descobriu que a filosofia existencialista oferecia uma descrição que estava na linha do diagnóstico mais profunda da existência humana encontrada no Novo Testamento. Vivemos em meio a todas as espécies de insegurança e somos tentados a escolher formas de segurança, que limitam nossas boas possibilidades e nos fecham diante de Deus e de outros. Mas uma outra possibilidade que é confiar em Deus de tal forma que somos libertados a viver sem a compulsão de encontrar formas falsas de segurança, de modo que podemos amar, confiar e ter esperança, a despeito das angústias da morte. Bultmann viu o Evangelho como o poder capacitador para viver essa espécie de liberdade. A Boa Nova nos desafia a uma decisão de viver confiantes de que o caminho de Jesus Cristo é o caminho de Deus. Não devemos procurar a segurança da prova, (que é impossível em tais matérias), mas ao tomar decisão na fé, descobrimos a nós mesmos transformados, entrando numa forma de existência, que é inimaginável sem essa fé. O paralelo óbvio disso é a amizade ou casamento: sem uma confiança em longo prazo não se pode simplesmente conhecer o que é uma boa amizade ou um bom casamento.

Assim, Bultmann nos mostra como o Evangelho funciona em termos existenciais. O outro lado de sua teologia é a "demitologização". Ele faz ver que os autores do Novo Testamento e os escritores posteriores expressaram, inevitavelmente, suas crenças nos termos da visão do mundo de seus dias. Ele recorre ao existencialismo para identificar o coração do que esses atores queriam dizer e isso lhe permite separar a contínua mensagem do que é "mitológico" ou peculiar à visão do mundo deles.

A marca da estratégia de Bultmann é, portanto, o uso do pensamento contemporâneo para interpretar o que ele percebe como o núcleo do Evangelho e abandonar o resto. É uma estratégia que outros empregam com o uso de outras filosofias e agendas práticas muito diferentes. Às vezes, a estratégia tende para o tipo 1, quando filosofia e agenda tomam conta do Evangelho e o cristianismo parece uma ilustração do Evangelho. Entretanto, Bultmann não permite que o existencialismo faça isso. O coração do Evangelho é a transformação da vida humana por meio da fé e liberdade. Isso é mostrado para dar sentido em termos existencialistas, mas o que resulta é alguma coisa muito diferente do existencialismo ateu (tal como M.Heidegger e Jean-Paul Sartre).

O tipo 3 é o que acontece quando nenhuma moldura tal como o existencialismo é permitida a ter aquela espécie de função integradora. É correta a localização do tipo 3 no meio dos espectros, porque recusa qualquer moldura como inadequada. Todas as espécies de filosofia e cosmovisão poderiam ter lugar no trabalho teológico. Portanto, a melhor forma é: evitar qualquer modo sistemático de relacionar o cristianismo e outras formas de compreensão, ao invés disso, estabelecer diálogos entre os mesmos. A idéia chave é a "correlação" – o objetivo é correlacionar as questões levantadas pela fé e prática cristã com outras abordagens dessas questões. Assim, o existencialismo pode ajudar na descrição da angústia e insegurança de modo a correlacionar com a mensagem da fé, esperança, e amor do Evangelho. Porém, talvez seja inútil tentar a elaboração de como o Deus Criador se correlacione com a compreensão científica moderna ou seja irrelevante aprender da permuta entre as ciências sociais e a teologia da Igreja. Outras filosofias e religiões tenham, talvez, muito a contribuir, sem ter que comprar no atacado de qualquer um deles.

O expoente mais conhecido de uma teologia de correlação no século XX tem sido Paul Tillich (1886-1965). Ele trabalhou tanto na Alemanha (até fugir do nazismo) como nos Estados Unidos e se engajou em extensos diálogos teológicos com filosofias, religiões, artes, psicologia e interpretação da cultura, política e história. A sua preocupação principal consistia em correlacionar a fé com cultura. Um de seus meios de fazer isso era mostrar como os símbolos religiosos vão ao encontro das questões fundamentais levantadas sobre o significado da vida e da história. Ele definiu o "símbolo" muito amplamente: não só como imagens visuais, mas também rituais, estórias, santos e até idéias podem agir como símbolos poderosos, pelos quais encontramos o significado. Por exemplo, frente às forças destruidoras que ameaçam as nossas vidas, o símbolo principal é Deus como Criador; o símbolo Jesus como o Cristo responde à alienação que experimentamos de nós mesmos, de nosso próximo e do nosso fundamento do ser. E o símbolo do Reino de Deus correlaciona-se com questão sobre o sentido da história, que gera diálogo muito amplo entre a compreensão teológica da história e outras visões da história. Como qualquer vida média, os críticos de Tillich tendem a vê-lo fracassando em sustentar seu equilíbrio delicado – ou eles vêem a fé dominando a cultura ou a cultura dominando a fé.



O tipo 4 tenta evitar andar em cima da corda bamba dando prioridade à descrição cristã de si mesma. Não vai ao extremo do tipo 5, mas ainda insiste que nenhuma moldura deveria ditar como entender os conteúdos principais da fé cristã. É a “fé que busca o seu entendimento”, basicamente confia as principais linhas do testemunho clássico cristão de Deus e do Evangelho, mas entra em amplas latitudes dos diálogos. O tipo 4 vê o tipo 3 inerentemente instável: não há posição neutra, da qual se possa conduzir diálogos, portanto deve haver um compromisso básico para ser contra ou favor da fé cristã. O tipo 4 reconhece um compromisso da fé, mas também a necessidade contínua de testar a fé e relacioná-la com outras posições. Parte de sua atração está em que ela reconhece que a fé cristã não é apenas uma posição intelectual, mas também é o caminho da vida em comunidade que se estende em torno do mundo através dos séculos. Se você vive nessa comunidade, você não pode pretender ser neutro, no entanto, você querará procurar a verdade onde ela se encontra, e o tipo 4 é uma forma de fazer isso. Se você não for cristão você assim mesmo valorizaria altamente o tipo 4, porque você deseja saber o que uma compreensão cristã principal inteligente é, para esclarecer o que existe com que concordar ou discordar.

Karl Barth (1886-1968) foi um teólogo suíço que seguiu uma abordagem semelhante ao tipo 4. Em parte sob o impacto da I Guerra Mundial (1914-18) e, posteriormente, em oposição a Hitler e ao nazismo, ele se preocupou profundamente com a maneira como o cristianismo se comprometeu com as alianças com a cultura, política e civilização do mundo moderno ocidental. Ele criticou o modo como as Igrejas cristãs tinham agido como capelães dos impérios, armadas e sistemas ideológicos, que eram profundamente problemáticos em termos cristãos. O desafio disso o levou explicar o que esses “termos cristãos” eram. Ele escreveu sua *Dogmática da Igreja* com seis milhões de palavras para ir ao encontro do desafio, explorando como uma compreensão da realidade centrada no Deus de Jesus Cristo pode ser trabalhada. Ela cobre as áreas principais da doutrina – Deus, Criação, ser humano, pecado, Jesus Cristo, salvação (justificação, santificação, vocação), Espírito Santo, Igreja, ética, o Reino de Deus. Ao longo do desenvolvimento desses tópicos, Barth se engaja em dezenas de debates com as posições passadas e presentes, tradições e pensadores. Porém essa preocupação é mostrar como é uma teologia cristã “habitável”, oferecendo uma concepção rica e testada dessas doutrinas principais, de acordo com as Escrituras e com as principais tradições cristãs.

### **Além dos tipos**

É provável que um pensador complexo e sofisticado caiba nitidamente num único tipo, porém os tipos seriam assim mesmo úteis no mapeamento do campo. O próximo estágio, após a aprendizagem das linhas amplas dos cinco tipos é como eles interagem de modo complexo. Concluirei esta seção com uma breve descrição de um dos maiores teólogos cristãos do século XX, Karl Rahner (1904-1984). Rahner foi jesuíta, que imergiu profundamente no fermento intelectual do catolicismo romano europeu pós-I Guerra Mundial. Ele teve papel preponderante em preparar o caminho para o que tem sido

um único evento mais significativo na história cristã, o Vaticano II, (1962-5) e, então, ele contribuiu influentemente para as deliberações do Concílio. Ele veio a ser o teólogo católico romano mais lido do século.

A formação intelectual de Rahner deu-se numa profunda imersão na tradição cristã – especialmente nas Escrituras, Agostinho, teólogos gregos dos primeiros séculos da Igreja, Tomás de Aquino, Inácio e Loyola (1495-1556), que fundou sua ordem, e tradições católicas de liturgia e espiritualidade – combinadas com engajamento aventuroso com o pensamento moderno, especialmente a filosofia. Ele foi especialmente influenciado pelas tentativas de repensar a filosofia e a teologia de Tomás de Aquino, à luz de filósofos como Kant e Hegel e estudou, também, com o filósofo Martin Heidegger. É extraordinariamente difícil categorizar sua produção teológica. Talvez seja mais bem descrita como a combinação de tipos 2, 3 e 4. De acordo com o tipo 2, ele elabora uma “teologia transcendental”, que inclui uma moldura filosófica para a teologia. De acordo com o tipo três, ele se engaja em diálogos inumeráveis - tentando correlacionar fé e prática cristãs com uma vasta variedade de outras compreensões e práticas. Ele nunca produziu um grande trabalho de teologia e sua forma favorita de labor sempre foi a de ensaios. Isso significa que é muito difícil sistematizar o seu trabalho. Em seus vinte volumes de *Investigações Teológicas*, ele faz saltar surpresas e mostra como sua filosofia e teologia transcendental não nos dão uma visão geral do seu pensamento. Todavia como o tipo 4, ele vive a fé em procura da compreensão e ele pode ser lido como quem oferece, acima de tudo, uma teologia e espiritualidade habitável e tradicional para os cristãos contemporâneos.

## **Conclusão**

Este capítulo definiu a teologia acadêmica como matéria que trata das questões do significado, verdade, beleza, e prática levantadas, em relação à religião e foi ao seu enalço no âmbito de disciplinas acadêmicas e demonstrou como a teologia é moldada institucional e intelectualmente.

Institucionalmente, o campo não é mais bem descrito nas formas mais bem assentadas para o período anterior, recorrendo às categorias da teologia “confessional” e estudos religiosos “neutros”. Ao invés disso, Ford descreve instituições nos termos de seus propósitos e responsabilidades. Algumas instituições são mais orientadas para as comunidades religiosas e outras para as disciplinas acadêmicas, porém ambas as instituições devem estar abertas tanto para a teologia como também para os estudos religiosos. Nesta “ecologia moral” do campo, duas formas de responsabilidade para com academia e comunidade e fé precisam ser completadas pela responsabilidade para com o resto da sociedade e para com a comunidade internacional de sociedades. As instituições devem, idealmente, reconhecer todas as três dimensões, em que elas as combinem. Essa descrição foi baseada na avaliação da “melhor prática” no campo em diversos países.

Intelectualmente, o campo não é bem mais descrito com os rótulos de conservador, liberal e radical. Ao invés disso, um diferente mapa das teologias foi rabiscado para mostrar opções principais. O eixo central para distinguir os tipos foi o modo pelo qual o passado se relaciona com o presente e futuro. Num extremo, (tipo 1) a teologia é avaliada de fora, segundo a indagação de se está de acordo com a agenda ou alguma estrutura moderna ou não. Noutro extremo (tipo 5) a teologia é uma repetição de alguma expressão do passado da fé cristã e assim é tão completamente interna a si mesma. Entre os extremos estão três tipos de maiores interesses deste livro. O tipo 2 atesta fazer justiça ao que é distintamente cristão enquanto escolhe uma moldura moderna e pensamento pela qual mostra a sua relevância. O tipo 3 faz o seu trabalho sem qualquer integração geral e se engaja em contínua correlação entre a fé cristã e várias questões, filosofias, símbolos, disciplinas e cosmovisões. O tipo 4 dá prioridade à auto-descrição cristã e mais bem resumida como "fé que busca o entendimento". Mas qualquer pensador sofisticado, provavelmente, como Karl Rahner, transcenda a qualquer um dos tipos. (Parte I, pp.1-29)

Isto representa uma mistura de apresentação e tradução. Originalmente quis fazer uma apresentação da obra de David Ford e, no decorrer do trabalho, fiquei fazendo a tradução.

+Sumio Takatsu